

CENÁRIO EDUCACIONAL PARA O ANO 2050

Vuldembergue Farias¹
Zuleide Fernandes Queiroz²

Resumo

Este artigo tem o objetivo apresentar a técnica de *Scenario Planning* e com isso tentar “adivinhar”, fazer um exercício de futurologia, através dessa técnica, do que pode acontecer com a escola de hoje num futuro próximo relativamente a acumulação de conhecimentos por parte dos alunos. Minha ideia é projetar para o ano de 2050 (metade do século XXI) uma escola e um aluno que possa parrear com a atualidade/futuro em termos de tecnologia aliada à escola, sobretudo aliada à aprendizagem, analisando, também a necessidade ou a presença de professores como atualmente existe na escola de modelo fabril. Numa perspectiva que vai até o ano de 2050 como marco para a revolução prevista neste trabalho, vaticina-se a presença de *chips* implantados nos cérebros dos alunos em que o conhecimento já está gravado nesses *chips* possibilitando o acesso a qualquer momento de suas vidas. Por outro lado, profetiza-se que essa possibilidade não esteja ao alcance dos alunos da rede pública, por razões óbvias, a menos que o aparelho estatal patrocine.

Palavras-chave: *Scnario planning*. Aprendizagem. *Chips*.

Introdução

Tudo que se tem projetado, planejado, pensado e visualizado para o futuro é objeto de preocupação das mais diversas culturas e dos mais diferentes povos. É natural que as pessoas se preocupem com o futuro, como forma de segurança, para que sejam preservados seus costumes, suas tradições, seus capitais, suas benfeitorias e seus legados.

Assim, torna-se inquietação universal a possibilidade de se vaticinar na esperança de que as coisas aconteçam conforme planejado ou conforme as aspirações pessoais, haja vista que uma maior segurança, individual ou coletiva, depende das certezas que se possa ter.

Nascem, então, diversas formas de prenúncio do futuro, e uma delas é a criação de cenários que possam representar as realidades advindas. Nessa perspectiva, antecipar acontecimentos ou predizer situações torna-se um exercício cada vez mais solicitado pela sociedade e, sobretudo por empresas e instituições para que seus planos de sobrevivência possam se realizar.

¹ Doutorando e Mestre em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica - Universidade da Madeira - PT; Especialista em Planejamento Educacional, Gestão Educacional e Mídias na Educação; Graduado em Administração. E-mail: vuldembergue@gmail.com

² Professora Doutora do Departamento de Educação da URCA-Universidade Regional do Cariri-CE; Professora Doutora do Programa do PROFHISTÓRIA do Departamento de História da URCA; Professora Doutora do PRODER/UFCA. E-mail: Zuleide.queiroz@urca.br

Nesse sentido, a antecipação do que será a Educação no ano 2050 é o tema deste trabalho, no qual se pretende imaginar o futuro, ancorado em forças antagônicas representadas pela Inovação *versus* Tradição de um lado, e, de outro, pelo Capitalismo *versus* Socialismo, mediadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) constituindo-se assim, no plano cartesiano, pelo quadrante I, (Figura 1, página 4) em que estão evidenciadas as forças Inovação e Capitalismo.

Considerando o avanço tecnológico e científico e as rápidas transformações e mutações sociais, urge algo que possa dar respostas antes que as adversidades ou mesmo as benesses possam surgir. Nesse sentido, o objetivo é profetizar o que pode acontecer com a educação e a escola na metade deste século, em termos de aprendizagem ou de conhecimento, isto é, no ano de 2050, com o objetivo de contribuir na perspectiva de acertar nessa premonição.

Como se trata de um processo de vaticínio, a metodologia é a criação intelectual, o pensar, o analisar o momento presente com uma perspectiva futura e utilização da técnica denominada *Scenario planning*.

Scenario Planning

Diante de grandes e frequentes transformações sociais, culturais, tecnológicas, industriais, o homem tende a “adivinhar” o futuro na perspectiva de “descobrir” o que está por vir e assim preparar-se para um novo mundo.

Esta atividade de “predizer” é conhecida como *Scenario Planning* e é muito utilizada por instituições de todo o mundo para tentar atenuar eventuais incertezas futuras.

O Scenario Planning é um instrumento largamente utilizado nos Estados Unidos da América, pelas grandes organizações e indústrias que têm de enfrentar enormes mudanças estruturais que envolvem uma grande margem de incerteza. Serve fundamentalmente para pensar o futuro em termos estratégicos de forma a evitar, ou pelo menos atenuar, eventuais riscos inerentes. Tem sido utilizado pela GBN - Global Business Network - que idealizou já, a pedido de governos e centros de investigação, alguns cenários que nos dão exemplos deste tipo de pensamento: o Destino Colombia, para a Colómbia, o Mont Fleur Scenario Project, para a África do Sul, o Scenarios for the Future of Japan, para o Japão, o From Silk Road to Silicon Road, para a Ásia do Pacífico, etc. (SOUSA, 2002, p. 3).

Por outro lado, sabe-se que existem energias e forças que constituem o futuro, mas que estão presentes desde já, plasmando e projetando aquilo que ainda não se percebe claramente, mas certamente estarão na estrutura das formas e das ações vindouras.

Estas forças, denominadas de *driving forces* são aquelas aninhadas no plano cartesiano em que se combinam para determinar possibilidades de cenários, também no palco da Educação.

As driving forces são as razões subjacentes para a mudança (porque acontece?) É importante usar uma perspectiva alargada, focalizando não somente em mudanças na didática, na organização das escolas ou na sociedade, mas também na tecnologia, na cooperação internacional, nos meios, na economia, na demografia, etc. (ATEE/RDC 19, 2001, p. 15).

Contudo, pensar ou projetar um cenário futuro, notadamente em educação, cujo campo para inovação parece ser dos mais áridos, não é tarefa fácil haja vista que pode não haver variáveis conhecidas ainda e as atuais são extremamente dinâmicas, hipotéticas, instáveis e quantitativamente excessivas, o que predispõe o “visionário” a imaginar, além de previsões inatingíveis, mais erros que acertos.

Por outro lado, a elaboração de futuros cenários, com base na realidade atual e na previsão do que essa mesma realidade pode ser mutante, combinando com forte agudeza de percepção, com os diversos aparatos tecnológicos, com o conhecimento acumulado pela sociedade, contribui decisivamente para diagnosticar e prognosticar situações que elevem o grau de certeza futura.

É preciso haver uma certa sensibilidade para as tendências e mudanças, mas isto não quer dizer que tal implique automaticamente uma habilidade para se diferenciarem mudanças importantes de outras menos importantes. As tendências são na maior parte das vezes não lineares, e olhar para o futuro implica uma grande dose de incerteza. Portanto, sentar-se comodamente e pensar sobre o futuro não é suficiente. As tendências devem ser interpretadas, tendo em conta as probabilidades de mudança e as conexões com outras tendências: sendo assim, torna-se necessário algum tipo de metodologia. (ATEE/RDC 19, 2001, p. 3).

Como se percebe não se trata de adivinhação, nem de bola de cristal ou de visões sobrenaturais, mas de planejamento e de previsões, ainda que aparentemente irrealizáveis e “uma das estratégias de pensamento prospectivo é a utilização de cenários de futuro, pois eles são ferramentas poderosas para se criarem novas perspectivas sobre o que ainda não aconteceu, estimulando a reflexão, a criatividade e a imaginação” (ATEE/RDC 19, 2001, p. 2).

Contudo, há a percepção de que é possível a existência de variados cenários para uma mesma realidade atual, isto é, “[...] não há um único caminho para o futuro e que não se deve esperar que surja apenas um cenário na sua forma ‘pura’” (ATEE/RDC 19, 2001, p. 3).

Dessa forma, olhando-se para a escola do futuro ou para o futuro da escola, os cenários possíveis são tantos que praticamente se torna impossível a eleição de apenas um que possa conter todas as possibilidades.

Considerando que “o uso de cenários está relacionado com visões sobre o impulso das mudanças na sociedade” (ATEE/RDC 19, 2001, p. 3), implica dizer que, em educação, torna-se cada vez mais improvável apenas um cenário imaginável, haja vista a quantidade de variáveis que vão desde os costumes, os objetivos da educação até a legislação e que tendem a ser modificados pela sociedade ao longo dos próximos anos, conforme se observa ao analisar o passado não muito longe. Toffler (1973, p.3) adverte para o fato de que “as transformações se expandem através dos países altamente industrializados, em ondas de uma velocidade que cada vez mais se acelera e com um impacto sem precedentes”.

Cenário educacional para o ano 2050

“Quando a escola pública foi inventada, no auge da Revolução Industrial, ela tinha por missão dar resposta a necessidades relacionadas com profundas alterações nas relações de produção emergentes nesse tempo” (FINO, 2001, p. 1). Por este fragmento, se percebe qual seria, naquele tempo (meados do sec. XVIII), a dificuldade da antecipação de cenários que incluíssem, além da revolução industrial propriamente dita, a criação de uma instituição (escola) que pudesse dar respostas às necessidades causadas pelo surgimento de uma nova tecnologia que redundou na Revolução Industrial.

Fino (2001, p. 3) assevera que:

Eu nem sei se o futuro precisará de qualquer tipo de educação institucionalizada, à semelhança da que temos hoje, com escolarização compulsiva, destinada a reproduzir uma cultura estandardizada e imposta aos cidadãos, todos por igual, independentemente das suas características e das suas necessidades. A Humanidade foi capaz de sobreviver milénios sem precisar de uma escola de massas, controlada pelo Estado. Talvez, no futuro, reaprenda a prosseguir sem ela.

No entanto, nos dias atuais, assentados numa grande quantidade de instrumentos, como por exemplo, as TICs capazes de cruzar inúmeras informações e fornecer novos elementos, além de tecnologia apropriada e das descobertas científicas, torna-se menos difícil imaginar possíveis situações futuras que possam realmente ser concretizadas com maior grau de certeza, em especial no campo educacional, em que aparentemente as mudanças e as inovações são, perceptivelmente, bastante escassas.

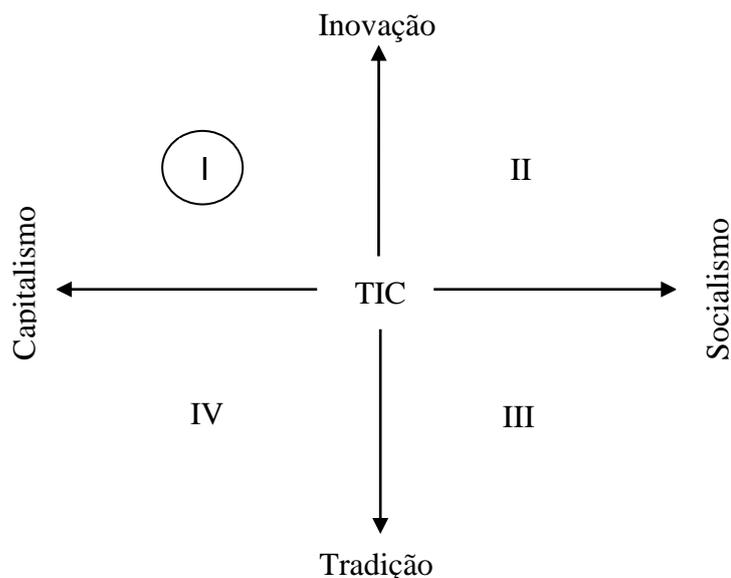


Figura 1 - Configuração de forças

Considerando as forças Inovação e Capitalismo, é possível imaginar-se um cenário em que a escola e a educação, no ano 2050, sejam bastante diferentes do que hoje a sociedade oferece a si mesma.

A educação não melhorará se o seu desenvolvimento se basear nos problemas de hoje e de ontem, ou em algum tipo obscuro de prever o futuro. É preciso haver uma certa sensibilidade para as tendências e mudanças, mas isto não quer dizer que tal implique automaticamente uma habilidade para se diferenciarem mudanças importantes de outras menos importantes. As tendências são na maior parte das vezes não lineares, e olhar para o futuro implica uma grande dose de incerteza. Portanto, sentar-se comodamente e pensar sobre o futuro não é suficiente. (ATEE/RDC 19, 2001, p. 3).

Nessa perspectiva, visualiza-se uma sociedade extremamente egoísta e consumista em que os alunos terão inserido em seus cérebros um microchip com o acumulado de conhecimentos científicos de todos os tempos, de todos os livros escritos e digitais, com a finalidade de facilitar a busca e a pesquisa, além da manutenção de uma memória estável, evitando-se, dessa forma, o esquecimento e preservando todo o conhecimento e informações neles gravados.

Por outro lado, tais alunos restarão pasmos, ante o parir de uma cadela, diante da beleza de uma flor ou da leveza do voo de um passarinho e se questionarão: o que é isso? Ou, que tipo de conhecimento temos?

Esse tipo de cenário está relacionado com a força Inovação, em que a força Capitalismo impõe atualizados e inusitados modos de intervenção escolar no sentido de dotar as pessoas de variadas e grandes informações e conhecimentos para dar respostas às

demandas dos mercados cada vez mais ávidos de lucro rápido e fácil. Ou seja, a Inovação a serviço do Capital para que a sociedade de consumo seja melhor atendida.

Ainda nesse cenário, restará a escola atual totalmente obsoleta, com funções diferentes daquelas para as quais foram criadas, servindo apenas de depósito de alunos para que seus pais possam desempenhar o papel reservado à classe operária na sociedade (Fino, 2001), e com a mesma proposta pedagógica do seu início.

Dessa forma, o cenário para o ano 2050 é de dois tipos de escola: aquela em que os alunos são dotados de super conhecimentos e informações, através da implantação de microchips em seus cérebros, ou seja, uma escola particular, paga, desenhada para uma minoria e privilegiada do ponto de vista dos governos e da sociedade capitalista, isto é, a força do capital, o Capitalismo, impondo à força Inovação a produção de resultados capazes de lhe garantir a continuidade dos resultados monetários.

De outro lado, outro tipo de escola, aquela pública, em que os investimentos são poucos, os alunos são da classe proletária e sem recursos tecnológicos implantados em seus cérebros, onde a inovação e a mudança de paradigma não são suas características. Mesmo assim, essa escola tenderá, numa inovação pedagógica sem precedentes, a inverter a concepção metodológica do ensino em que os alunos deverão “ensinar” ao professor, ao demonstrarem o conteúdo que tal professor repassaria se estivesse num cenário tradicional da atualidade.

Porque somente espaços institucionais, como os dessa escola reinventada, serão capazes de preparar os sujeitos protagonistas de coletivos inteligentes, ajudando assim a abrir caminho para aquilo que Lévy chama de “sociedade do saber” - que poderá suceder à do conhecimento, cujos fundamentos já foram vislumbrados por vários outros educadores, [...] (MELO, 2002, p.5-6).

Ou seja, os alunos aprenderão sozinhos, através de pesquisas, também na Internet ou em outros meios tecnológicos mais avançados, e demonstrarão ao professor o que este depositaria em suas cabeças caso o ensino ainda fosse aquele do ano de 2013.

Visualiza-se, também, neste cenário, outro tipo de aluno que não frequenta a escola, mas produzido em laboratório, em que sua interação com as TICs se dá através do próprio pensamento, ou seja, por meio da energia do pensamento, isto é, o aluno não necessitará de professor ou livro nem de implantação de *chip*. Sua leitura e compreensão da realidade serão realizadas através da observação direta dos diversos receptáculos do conhecimento, seja o conhecimento armazenado no cérebro de outras pessoas, seja registrado em mídias estáticas de todos os tipos, gravadas em HD (Hard Disc) ou microchips, seja aquela em trânsito por ondas eletromagnéticas.

Nessa sociedade e na escola do ano 2050 a figura do professor faz-se necessária apenas nas escolas públicas, ainda que estes sejam “ensinados” pelos alunos, porque as pessoas que possuem microchips implantados em seus cérebros não carecerão sequer de escolas.

Ao mesmo tempo, o indivíduo, conhecedor de tudo, de todo o conhecimento produzido pela humanidade em todos os tempos, exercerá a profissão que melhor lhe aprouver, independente de especialização nessa ou naquela atividade, invertendo a lógica segundo a qual “a escola faz sua parte: disciplina o saber aprisionando-o em disciplinas”. (MELO, 2002, p. 11).

Nesse cenário, o professor e a escola pública em lugares distantes dos centros mais desenvolvidos continuarão suas trajetórias nos moldes do que atualmente existe, ou seja, de um lado, a escola com o conhecimento sistematizado, obrigatória e com uma proposta pedagógica aplicada indistintamente a todos os alunos como se estes tivessem o mesmo ritmo de aprendizagem e interessassem aprender o mesmo conteúdo, ao mesmo tempo e no mesmo horário.

De outro lado, o professor tentando manter o *status* de dono do conhecimento e praticando a educação bancária em que deposita quantidades de informações na cabeça do aluno, com o objetivo de imposição da ciência sobre o aluno, imprimindo-lhe sua autoridade de proprietário do conhecimento. (Freire, 1975).

Conforme expõe SOUSA (2002, p. 3-4),

Os cenários são, no fundo, pequenas histórias sobre futuros possíveis que procuram combinar criatividade, insight e intuição, como base para a tomada de decisões. É preciso dizer que um bom cenário não tem de ser necessariamente aquele que retrata o futuro rigorosamente, mas o que proporciona a oportunidade de levantar questões pertinentes e de expor a mente a ideias e perspectivas à partida impensáveis, de forma a fazer explorar aspectos emergentes.

Complementando este cenário, visualiza-se, também, o alargamento da educação a distância (EAD) abrangendo o ensino básico e os mestrados e doutorados, ou seja, contemplando todos os níveis do ensino, em que as TICs desempenharão um papel importante e decisivo na massificação do conhecimento e principalmente na facilitação do aprendizado, fazendo com que a escola repense seu *modus operandi* relacionado com as técnicas e os métodos educacionais dos dias presentes, ao mesmo tempo em que dote a EAD da credibilidade e da confiança indispensáveis.

Assim, constitui-se este trabalho, de reflexões e de possibilidades para a escola e a educação no ano 2050, podendo haver maiores transformações do que as aqui sugeridas.

Dessa forma, este cenário apresentado não é de toda utopia uma vez que se caminha, a passos largos, para modificações sociais impensáveis até pouco tempo atrás, significando dizer que este panorama pode acontecer até mesmo antes dessa data, em virtude de novos saberes proporcionados pelos avanços tecnológico e científico, notadamente as TICs.

Papert (2008, p. 191) argumenta o seguinte: “o espetáculo de multidões demolindo o muro de Berlim ou o de Nelson Mandela sentado numa mesa de negociações com Frederik de Klerk é um potente antídoto para qualquer tendência a dizer ‘isso não pode acontecer’”. Por isso não descredito em vaticínios mirabolantes, nas utopias ou nas fantasias acerca das possibilidades futuras.

Considerações finais

A construção de cenários futuros é atividade das mais difíceis e das mais incertas. Contudo, há aspectos positivos que facilitam sua modelagem. Trata-se da enorme quantidade de informações e de tecnologia, ferramentas facilitadoras da predição dos futuros e promotora de transformações não tão complicadas de profetizar.

De outro lado, essa mesma gama de informações e tecnologia, ao se expandir, se modificar e se transformar em novos instrumentos dificultam a elaboração de cenários, pois toda essa revolução tende a dar novas formas a uma nova sociedade com novos costumes, novas intervenções governamentais e novos paradigmas educacionais.

A elaboração de um “Cenário educacional para o ano 2050” em que se prognostica a implantação de microchips nos cérebros das pessoas tem como fundamento a velocidade com que as sofisticadas tecnologias existentes e as vindouras se transformam e se implantam na sociedade, modificando todos os setores da vida cotidiana, incluindo a atividade educacional, em especial no âmbito escolar.

Referências

ATEE/RDC 19. **Scenario Planning em Educação**. Amsterdão, Agosto 2001.

FINO, Carlos Nogueira. **Um novo paradigma (para a escola): precisa-se**. In FORUMa - Jornal do Grupo de Estudos Clássicos da Universidade da Madeira, 1, 2. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

MELO, Guiomar Namó. **O espaço das políticas educativas na sociedade do conhecimento: em busca da sociedade do saber**. São Paulo, 2002.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: Repensando a escola na era da informática.** Trad. Sandra Costa. Ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SOUSA, Jesus Maria. Trabalhar com cenários de futuro. In M. FERNANDES, et al (Orgs.). **O particular e o global no virar do milénio. Cruzar saberes em educação.** Lisboa: Edições Colibri/Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2002.

TOFFLER, Alvin. **O choque do futuro.** 4^a. Ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.